

“ENTRE O SIM E O NÃO EXISTE UM VÃO”: O FIGURAL COMO COISA DA PINTURA

“ENTRE O SIM E O NÃO EXISTE UM VÃO”: THE FIGURAL AS A PAINTING THING

*Isabella Beatriz de Abreu*¹ – UFMS

Resumo

Quando se inicia a pintura, ou melhor, o gesto de pintar, é também iniciado um processo de não-pintar; fica-se entre o sim e o não. Nesse vão que se abre, o diálogo faz-se presente; o traço e o vazio, o sentido e a existência, o tempo e a permanência. A fim de se explicitar de maneira mais elaborada as proposições anteriores, o presente trabalho tenciona discutir a relação entre a prática pictórica e noções de entre-lugar, partindo de conceitos como “Figural” em Jean-François Lyotard (1971), o dialogismo em Mikhail Bakhtin (2017), o tempo espiralar de Leda Maria Martins (2021), o gesto de Vilém Flusser (2014), dentre outros teóricos que comunicam nesse espiral; e da obra *Quando você ou tudo é rio* (2022). Dessa maneira, espera-se o encontro de possíveis caminhos no pensamento sobre pintura contemporânea e relações imagéticas no campo das Artes Visuais.

Palavras-chave: figural; artes visuais; entre-lugar.

Abstract

When a painting begins, or to say, the gesture of painting, a process of not-painting is also initiated; it stays between the yes and no. In this in-between that opens, a dialogue appears; a trace and the emptiness of the canvas; meaning and existence; time and permanence. In the means to let know on a more elaborate manner the propositions made so far, this paper aims to discuss the relationship between pictorial practice and notions of in-between place, based on concepts such as "Figural" in Jean-François Lyotard (1971), dialogism in Mikhail Bakhtin (2017), the spiral time in Leda Maria Martins (2021), the gesture in Vilém Flusser (2014), also other theorists that communicate in this spiral; and the work *Quando você ou tudo é rio* (2022). This way, managing to find ways of thinking about contemporary painting and image relations in the field of Visual Arts.

Keywords: figural; painting; visual arts; in-between.

Introdução

¹ Graduada em Artes Visuais – Bacharelado (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campo Grande). Mestranda em Estudo de Linguagens (PPGEL – UFMS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8009157737039081>.

Compreende-se no fazer pictórico a agência de fatores essenciais: o gesto de transportar uma substância pastosa para uma superfície através de um instrumento. Aqui o artigo indefinido é utilizado ao se considerar a equação repleta de variáveis, por exemplo, podemos utilizar argila e imprimir nas paredes o côncavo de nossas mãos. Da mesma forma, utilizamos o pincel e transportamos tinta a óleo para uma lona esticada sobre o chassi. O gesto de pintar, porém, é antes uma pesquisa sobre a mancha e sua relação com o entorno, suas consequências diretas no espaço ocupado – ou não – pelo traço. A pesquisa pictórica é de antemão uma arguição sobre territórios.

A superfície acolhe uma imagem, insustentável senão por ela. Construimos na atividade comum apreciações possíveis, inventamos narrativas concretizadas na imanência da linguagem e, como propõe Leda Maria Martins (2021), espiralamos o tempo. Ao considerar a potência dialógica da proposição imagética, aqui tensionada enquanto enunciado poético, voltamos às discussões acerca do dialogismo em arte, especialmente em pintura. A concretização material serve como registro, auxílio em plena mutação, na construção de uma narrativa também mutável. Pretende-se reunir leituras sobre o gesto de pintar, mas, como sugere a própria construção frasal, levar em conta maneiras de se relacionar com a pintura. Bakhtin (2017, p. 43) sugere que “o ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir”, de maneira que não há possibilidade de inferência que seja deslocada da relação constante entre agentes envolvidos no enunciado poético, existência temporalmente situada no entretempo que Ferraz (2017, p. 117) aponta.

Conceber unidade pressupõe características relacionais, interação entre áreas ocupadas e, no caso da pintura, manchas que reverberam escolhas anteriores fixadas na superfície preenchida. Para além da materialidade, é na dimensão imagética que transbordam interações de significantes atribuídos, possibilidades a partir do que anteriormente também já foi dado na esfera da linguagem como jogo comum. A frase de Itamar Assumpção (1984), retirada da canção “Chavão abre porta grande”, nomeia esse texto e exemplifica a relação existencial do entre como espaço dialógico.

Gilles Deleuze (2003, p. 167) ao discorrer sobre o trabalho do artista anglo irlandês Francis Bacon nomeia três direções para o pensamento em pintura

contemporânea, os quais utilizaremos aqui: abstração, expressionismo e Figural². O último percorre a seara das imagens não figurativas por essência, mas que as produzem enquanto enunciado, de maneira que só é possível conhecê-lo a partir do mesmo.

Essa abordagem da obra de arte revela o ganho do conceito de figural: ele não é o espaço onde o inconsciente se revela, onde o desejo “aparece”, ele é o espaço onde são acolhidas as transformações, as rupturas, as transgressões e as distorções características dos processos inconscientes. (...) Podemos supor que ele é o espaço da adjetivação da figura e não de sua substantivação (postura-postural/figura-figural). (Gargano, 2015, p. 117)

É a partir dos conceitos estabelecidos em Deleuze e Bakhtin que pensaremos o entretempo como espaço propositivo na pintura, mais especificamente no Figural enquanto pesquisa figurativa-abstrata e suas implicações materiais na construção pictórica, compreendendo seu caráter relacional e considerando a existência da poética como objeto de pesquisa situada no tempo, conferindo processos e realizações do enquanto.

A pintura como ato

Proposições pictóricas comumente discutem a construção de camadas como basilares ao entendimento em pintura. As manchas são fantasmas de um movimento anterior, sucessões de acúmulos para leitura temporalmente disposta em matéria única. Vilém Flusser (2014) em sua extensa análise gestual se propõe a desmistificar o gesto de pintar e sugere a leitura do quadro enquanto “sentido do gesto” (p. 61). Para ele, o nível autocrítico do gesto de pintar revela movimentos que passeiam pelo tempo: “É gesto que não apenas aponta para o futuro (o quadro), mas também presume o futuro para projetá-lo. O gesto oscila entre futuro e presente e se reformula constantemente, analisando-se em toda fase.” (Flusser, 2014, p. 64).

Em pesquisa associada aos gestos performáticos, Leda Maria Martins trará “o tempo como instância narrativa, subordinado a uma função da narração” (2021, p. 23). Se considerarmos na pintura maneiras de narrar o mundo, podemos inferir

² Termo proposto por Jean-François Lyotard em sua tese de doutorado “*Discours, Figure*”, em 1971.

ferramentas da linguagem aliadas à compreensão temporal, assim como a proposição formal pictórica estica um acontecimento ao seu entorno, convocando estadias permanentes.

Também Sylvia Caiuby Novaes (2008) ao discorrer acerca das imagens retoma sua existência temporalmente situada:

O único modo da imagem é o indicativo e o único tempo o presente. A imagem ignora pretérito e futuro. Nada na imagem do papa João Paulo II diz se ele está vivo ou morto. Vem daí, segundo Wolff, a força religiosa da imagem: ela faz reviver os mortos, torna presente a vida dos santos nas paredes das igrejas, atualiza na cruz o martírio de Cristo. Seu poder na esfera do sagrado é tal que ela não mais representa o deus; é o próprio deus que se apresenta nela. Se o tempo do sagrado é o tempo do eterno, em que nada se transforma, este é também o tempo da imagem. (Novaes, 2008, p. 460)

É a partir de uma compreensão levada pela inteireza de um sentimento residir na capacidade material do registro e se fixar para além de dois segundos, da vida durar presentes-contínuos de rotação, presa ao momento em que a roda do carro gira e retorna a encostar na estrada, metros adiante, que construímos imagens e as propomos enquanto narrativas visuais acerca do entrelugar.

Ao tratarmos de gestos, podemos retornar à filosofia do ato associada ao pensamento de Bakhtin (2017). O evento enquanto enunciado poético ressoa em sua vizinhança, mas anuncia sua própria irrepetibilidade, mediado pelo corpo e instrumentalizado pelo gesto. Surge em sua filosofia a perspectiva empática sobre a “contemplação estética”, nos apresentando a impossibilidade de leituras sobre o enunciado poético que sejam deslocadas dele próprio. Tanto quem o propõe quanto quem o lê, assim como o objeto em si sujeito dialógico, ambos se relacionam de maneira atuante e presente.

Como sugere Bakhtin (2017, p. 61): “Ao momento da empatia segue sempre o da objetivação, ou seja, o de situar fora de si mesmo a individualidade compreendida através da empatia – separando-a de si mesmo, e retomando a si mesmo.”. Nesse momento, retomo a pesquisa gestual de Flusser, que indica: “O gesto de pintar “altera” o mundo: é para o outro e torna o pintor outro.” (2014, p. 70) Há na convergência entre esses dois autores uma exemplificação da perspectiva que realiza no ato sua responsabilidade ética e, na palavra, sua efetiva construção comum. Por meio da

capacidade projetiva de afetar o entre, existir em comunidade se torna conceber na matéria o contínuo que nos acompanha, em realização constante.

José Gil (in Ferraz, 2017) ao tratar de movimentos em dança sintetiza a minha busca por um termo que relacione o espaço entre na pintura e o próprio gesto de pintar, realizando a relação figural em atividade:

os entregestos são microgestos não figurativos que estão entre os braços colados ao corpo e seu ponto final esticados para o alto (“mãos ao alto”). Os entregestos não representam nada, apenas configuram a tendência entre um ponto e outro, e suprimidos os pontos o que se tem é o gesto da dança. Não se trata mais do gesto figurativo, mas da figura sem representação. (in Ferraz, 2017, p. 127)

Podemos partir da noção de figuralidade e entregestos para compreender o dialogismo imanente à produção pictórica, e conceber o encantamento da palavra tornada imagem que nasce e tem lugar entre nós, em espaços relacionais e dialógicos da existência comum. Perseveramos na construção de um pensamento em pintura, edificado em ato de realização multiforme.

Abstração, expressionismo e Figural

É interessante observar a utilização de diferentes sufixos para cada direção que, segundo Deleuze (2003, p. 167), a pintura contemporânea apontaria. Como salienta Gargano (2015, p. 117), o figural sugere um “espaço de adjetivação da figura” como verificamos no termo de Lyotard. É possível tensionar, porém, um entre-lugar, como colocaria Deleuze, em que se encontram figura e forma abstrata, de maneira a devir imagem figurativa-abstrata.

Ao discutir a etimologia de imagem, Barthes (1990) empregaria uma relação entre a raiz latina *imitari* e o termo *imagem*. Estaria nessa presença semiológica da cópia a questão associada à produção de imagens: “a representação analógica (a cópia) poderá produzir verdadeiros sistemas de signos, e não mais apenas simples aglutinações de símbolos?” (Barthes, 1990, p. 27). O autor também pondera a imagem enquanto “limite do sentido” e, aqui pontuo a aplicação ao pensamento pictórico, a palavra limite presume espaço e ocupação territorial dele. O espaço compreende não apenas o “vazio” que delimita ocupações na superfície do mundo, como a distância material entre um copo e a mesa, como também a ocupação em si, a inserção do

objeto enquanto condicionado pela presença do espaço. A discussão que acompanha a pesquisa pictórica em questão é tangenciada pelo “entre” enquanto adjetivação intrínseca ao fazer da pintura, ressoando o dialogismo imanente às proposições pictóricas e imagéticas.

Worringer (1953) aponta dois principais caminhos na produção artística visual, no livro homônimo “Abstração e empatia”. Para ele, a experiência artística humana passa por essas duas respostas, relacionadas a feitoria de imagens. O autor concebe a partir da noção dialógica nessa interação constante entre o processo de realizar uma imagem em matéria e sua atuação enquanto sujeito no mundo. A terminologia escolhida por ele também nos é cara: ao tratar de manifestações visuais figurativas, Worringer supõe que elas demonstram a condição empática do propositos, enquanto manifestações abstratas estariam ligadas à expressividade. Acredito, porém, na demonstração da união desses conceitos ao considerarmos o “Figural” de Lyotard e a existência de uma pesquisa em pintura que esteja intrinsecamente ligada ao surgimento do “figurativo-abstrato”, proposição comum em pintura contemporânea.

Enquanto observamos o retorno de proposições hiperrealistas e a utilização de imagens criadas por inteligências artificiais nas artes visuais, a pintura como convite mediado pelo Figural se realiza justamente na consciência de uma participação ativa dos sujeitos envolvidos na leitura de uma imagem, generosamente propondo caminhos possíveis a partir de uma mancha. Considerando o pensamento pictórico válido enquanto ferramenta de narrar o mundo, recorro aos meus projetos em pintura (Figura 1). Creio que a pesquisa e a prática em sua materialidade fornecem argumentos e possibilitam leituras, enquanto gesto e imagem.

Fig 1 – Quando você ou tudo é rio, 2022. Óleo e terra sobre tela, 25 x 20 cm.



Fonte: arquivo pessoal

O tensionamento que provoca essa pesquisa, tanto imagética quanto teórica, ressurgiu em minha análise do processo pictórico. Acredito que a relação entre áreas ocupadas pela tinta, a interação superfície e pigmento, o espaço do corpo que gesticula um apontamento na pintura, todas essas relações explicitam o dialogismo em enunciados poéticos – ainda que exista acabamento enquanto estrutura e todas essas atividades ocorram na solidão do artista, elas persistem enquanto ato expressivo.

Tendo em vista a impossibilidade de desvencilhamento entre qualquer imagem proposta no mundo de seus próprios significantes, o figural – ou figurativo-abstrato – concebe leituras generosas que partem da realidade para recriá-la, torcendo em si proposições relacionadas ao pictórico como a utilização cromática ou pigmentária, bem como superfícies múltiplas. Discutir pintura contemporânea passa pelo acesso à criação de imagens e a rapidez dos mesmos processos. Considerando o plano enquanto superfície do evento, registra-se o factual sobre a impressão de um gesto através de uma substância pastosa sobre uma superfície, gesto que vimos ser autocrítico e revelador de instâncias temporais dispostas na narrativa. Cabe à pintura Figural propor leituras que estejam conscientes de seu papel em não-dizer, instaurar

limites ao pigmento de forma a tensionar imageticamente a figura e talvez alcançar um espaço entre, onde o ato ressoa a cada novo encontro.

Considerações finais

Ao propormos objetos no mundo, partindo de uma atividade crítica em relação ao entorno e considerando em si a atuação dialógica, construímos possibilidades de futuro ancoradas nos saberes ancestrais. É a consciência prática de comunidade e percepção cíclica de próximos gestos. Tencionamos o retorno como prática de invenção constante, percepção temporal sobre a materialidade proposta e seu reconhecimento na criação de futuros.

Entretanto, perceber a ciclicidade eventual corrobora com a resistência ao sistema majoritariamente aderido, é também uma forma de existir em contraponto à lógica de sucessão de instantes, hegemônica na cultura ocidental europeia. Compreender a inexistência de identidade sem a existência de outro é parte de uma pesquisa que considera a alteridade sêmica de uma construção coletiva. Leda Maria Martins (2021, p. 213) ao comentar texto de Guimarães Rosa pontua o fascínio que a dobra dos encontros propõe, “pela qual o olhar de um perde-se nas retinas do que também o mira e, por sua vez, é mirado, seduzidos por um poder de encantamento e identificação que a ambos preside.”

Reconhecer e valorizar o processo entre é associar o instante que perdura na existência dos seres, as fronteiras que, assim como intervalos musicais, simbolizam a possibilidade de acontecimentos. O espaço entre uma coisa e outra, eu e o outro, como terrenos férteis que em si decompõem matéria e em seus ciclos compõem de novo. De maneira sensível a vida se apresenta em sua aventura relacional constante. Configurar imagens e ordená-las de acordo com a vontade do coração é exercício intrínseco ao fazer original – persistimos, então. Ao criar enunciados poéticos, construímos coletivamente narrativas de início, mitologias próprias de nossas gêneses, possibilitamos meios e desacreditamos encerramentos: reinventamos o tempo. Para além do corpo, registramos indícios compartilhados em suas proposições gestuais, reconhecemos nossos pais em outras famílias e como crianças perdidas nos assustamos ao percebermos nossa própria confusão. Da mesma forma, o susto nos

adianta vidas paralelas, elipses preenchidas com o espiralar temporal de Leda Maria Martins (2021). Retornamos à imagem primeira, segunda, infinita.

Ao contarmos histórias e acreditarmos nelas – e o jogo da linguagem nos demanda fé – recebemos um ‘aqui e agora’ emprestado. Às vezes, deus dá mais cedo a terra àqueles cansados de ontem. Às vezes, roubamos da terra a substância gentil que nos permite caminhar.

Referências

ASSUMPÇÃO, Itamar. **Sampa Midnight- Isso não vai ficar assim**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-vm lifcmVM>. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: **O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Deux Régimes de Fous. Textes et entretiens 1975-1995**. Paris: Lés Editions de Minuit, 2003.

FERRAZ, Sílvio. **Entretempo, a escuta no ponto cego da música**. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 11, n. 20, p. 114-134, 2017.

FLUSSER, Vilém. O gesto de pintar. In: **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

GARGANO, Rafael Silva. **Algo escapa: o figural na filosofia de Jean-François Lyotard**. 2015. Tese (Mestrado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico**. Mana, v. 14, p. 455-475, 2008.

WORRINGER, Wilhem. **Abstract and Empathy: a contribution to the psychology of style**. New York: International Universities Press, 1953